

## Resenha

**MENEZES BASTOS, Rafael José de. *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. 524 pp. CD anexo.**

*Allan de Paula Oliveira*  
(UNIOESTE)

Vertigem. Essa é a palavra que melhor define o trabalho de leitura que *A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa* coloca para o seu leitor. A vertigem está menos no trabalho da leitura em si, por vezes árdua e muitas vezes poética, de uma obra que abrange diversos temas da antropologia - etnologia e história das Terras Baixas da América do Sul, música, ritual, parentesco, política, performance, dentre outros - e mais na própria experiência que o livro convida o leitor. A experiência etnográfica é apresentada de tal forma em *A Festa da Jaguatirica* que é possível chegar ao fim da leitura e se perguntar: “sobre quem é este livro?”. Sobre eles (os Kamaiurá e suas sociedades vizinhas xinguanas)? Ou sobre nós, sobre a forma como pensamos esse “obscuro objeto do desejo”, muitas vezes descrito em tons de magia e mistério, a música? Em grande medida, e nisto reside a vertigem da leitura - algo de ambicioso que as etnografias cada vez mais evitam - o livro é sobre eles e é sobre nós a partir deles, pequeno jogo que, nas ciências humanas, só a Antropologia pode oferecer. *A Festa da Jaguatirica* nos lembra que a Antropologia, numa certa acepção da disciplina, está na volta e não somente na ida.

A ida, por si só, já oferece ao leitor contribuições muito ricas - extremamente amplas para serem resumidas nesta breve resenha - em diversas áreas. Em primeiro lugar, a etnologia das Terras Baixas da América do Sul, subárea da Antropologia que tem, nas últimas três décadas, assumido um papel de destaque no cenário mundial da disciplina, com o desenvolvimento de uma diversidade de insights teóricos. *A Festa da Jaguatirica* é a descrição e o estudo de um ritual - o Yawari - realizado pelos Kamaiurá e que envolve também sociedades do entorno xinguanas, como os Yawalapiti e os Matipu. Ou seja, automaticamente, o ritual oferece não somente a possibilidade de estudo da música, da cosmologia e da sociologia Kamaiurá, mas também das dinâmicas intersocietárias xinguanas, temática cada vez mais premente em um cenário de construção de agendas políticas indígenas na

Amazônia. O ritual em si dura onze dias e Rafael Bastos apresenta uma descrição não somente do núcleo temporal do rito, assim como de sua preparação (antecedentes) - que se inicia cerca de dois meses antes. Aqui reside uma das contribuições que tornam este trabalho único: é a primeira vez que a música completa de um ritual desta dimensão é descrita e analisada. Esse material, apresentado no capítulo 2, intitulado “A Etnografia do *Yawari*”, é descrito a partir da observação *in loco* do ritual em 1981, trabalho de campo que deve ser inserido num conjunto mais amplo: aquele que o autor já vinha realizando entre os Kamaiurá - e que já havia gerado seu primeiro livro (*A Musicológica Kamaiurá: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu*, publicado originalmente em 1978 e reeditado, pela editora da UFSC, em 1999). O ganho aqui é imediato: não somente os interessados nas músicas das sociedades das TBAS têm acesso a uma etnografia desse porte, como também os estudos sobre rituais nesta área etnográfica ganham uma descrição que faz jus ao papel da música e da dança enquanto eixos de articulação entre mito e rito. Se uma das preocupações da etnologia da TBAS tem sido com os aspectos práticos, na forma ritual, do pensamento mítico, tem-se aqui, na forma da música e da dança, uma das suas descrições mais ricas. Neste sentido, *A Festa da Jaguatirica* se soma a trabalhos desenvolvidos por autores como Ellen Basso, Jean-Michel Beaudet, Anthony Seeger (autor que faz o prefácio do livro), Acácio Piedade e Maria Inês Mello e Cruz, no apontamento do papel da música nas práticas rituais amazônicas, com o adendo, já referido, de uma descrição de dimensões inéditas.

Porém, o ineditismo vai muito além da mera descrição. Se no capítulo 2 o ritual é cronologicamente descrito em suas seqüências de canções, vinhetas, peças instrumentais (todas apresentadas em partituras feitas a partir de transcrições realizadas pelo autor) e coreografias (apresentadas também a partir de modelos gráficos), bem como em seus aspectos interativos e performáticos - as conversas e as negociações entre os principais envolvidos na organização do ritual e entre os cantores e músicos, as evocações das relações dos Kamaiurá tanto com as outras sociedades xinguanas quanto com a sociedade brasileira envolvente, as lembranças de parentes, as irritações, exortações, tensões, as trocas - no capítulo 3, que recebe o título de “Comentário”, Rafael Bastos apresenta ao leitor uma sistematização analítica que procura dar conta do papel central - enquanto eixo de expressão - da música no ritual. Construída a partir tanto de um conhecimento vasto de uma série de literaturas - etnologia, semiótica, musicologia, dentre outras - como, o mais importante, exegeses nativas, este “Comentário” apresenta uma análise da música em níveis de expressão mínimos, constituídos pelo uso de conceitos como motivos, escalas e centro tonal. Esta minimalidade dos níveis de análise aponta para uma inteligibilidade da música Kamaiurá em termos - os conceitos citados - que a musicologia mais tradicional sempre evitou. Sempre foi difícil, por exemplo, pensar no conceito de centro tonal para músicas ouvidas, por nós, como desprovidas de uma organização sonora capaz de ser descrita e analisada nos termos dos conceitos citados. Aqui reside um empreendimento que, clássico à antropologia, pode soar estranho a quem é de fora: o alargamento dos conceitos. Desse modo, da mesma forma que os estudos de parentesco utilizaram, ao longo da história da disciplina, um conceito como “família” e o alargaram a partir de experiências etnográficas concretas, Rafael Bastos nos convida a um alargamento - e necessária reflexão - da forma como concebemos conceitos como “centro tonal”, ou ainda, “tonalidade”. No limite - e adiante tratarei

dísto - nosso próprio conceito de “música” é posto em xeque. Por outro lado, a análise do ritual também se dá nas suas conexões dentro de um quadro compreensivo que se constrói tanto em torno do parentesco - o Yawari é, entre outras coisas, uma produção Kamaiurá sobre dilemas do parentesco - quanto em torno da cosmologia Kamaiurá, além da história das relações intersocietárias xinguanas.

Porém, mesmo apresentando as conexões do ritual e suas músicas com estes domínios (parentesco, cosmologia, história), Rafael Bastos nos convida a não cair numa demissão de significado da música (verdadeiro *leitmotiv* dos seus textos), onde esta, não raro, tem toda a sua inteligibilidade reduzida ao contexto. Em *A Festa da Jaguatirica*, a música do Yawari torna-se inteligível em diversos níveis: na sua gramaticalidade, expressa textualmente na sua sistematização em motivos e escalas; na sua sintaxe, presente na estruturação dos motivos e no estabelecimento de sua sequencialidade; nos seus recursos expressivos, tais como o lugar do cromatismo na execução dos cantos e o uso de glissandos; no seu papel de pivô entre as letras das canções e a dança (sendo que, como o próprio autor aponta, as possibilidades de análise desta última são somente tangenciadas em seu livro, o que abre perspectivas para novas pesquisas) e na sua semanticidade, em suas conexões com diferentes domínios do social. O que emerge daí é uma análise que faz jus à centralidade da música no ritual e explora - como poucas obras analíticas - diferentes planos de seu sentido.

Mas a experiência verdadeiramente antropológica da leitura de *A Festa da Jaguatirica* não poderia ser resumida nesta “ida” tão somente, por mais rica que ela seja. Há que se ter a volta, a partir “deles”. E isto, que fundamenta o que chamei de vertigem, é feito pelos capítulos 1 e 4. O capítulo 1, “Esboço de uma Teoria da Música - para além de uma antropologia sem música e da musicologia sem homem”, é o ponto de partida, onde o autor convida o leitor a um estranhamento sobre a constituição das disciplinas que tomam a música como objeto de estudo, bem como das relações que se estabelecem entre elas. É deste lugar da fala e da escuta que parte Rafael Bastos, um autor cuja formação se dá exatamente na dobra música e antropologia e que, neste capítulo 1, esmiúça os pressupostos fundantes e as consequências epistêmicas das diversas tentativas de apreensão científica da música, ou ainda, das diferentes objetificações que a música foi sujeita ao longo dos séculos XIX e XX. Trata-se, portanto, de uma análise da constituição das diferentes musicologias, tanto daquelas mais musicais - a Musicologia Histórica, desenvolvida a partir do século XIX - quanto daquelas mais humanas - a Psicologia da Música e a Sociologia da Música - além daquela onde se situa o autor, a Etnomusicologia (até a década de 1950, apresentada pelo nome de Musicologia Comparada), a qual sempre tentou, de diferentes formas, articular “músicas” e (ciências) “humanas”. A importância deste capítulo - publicado na forma de um artigo no *Anuário Antropológico* de 1996 e bastante citado em trabalhos sobre música - está no estabelecimento deste ponto de partida e numa crítica das próprias categorias pelas quais “nós” pensamos a música, sobretudo a oposição que criamos, nos últimos 200 anos, entre inteligibilidade e sensibilidade - a música como algo fora de uma plena inteligibilidade de sentido. Para uma tradição do pensamento que inventou algo como o “gênio” e o envolveu numa aura de mistério e sacralidade, uma percepção científica da música é algo, de fato, problemático tanto para músicos quanto para antropólogos.

Estabelecidos os pressupostos, alertadas as consequências epistêmicas - a referida demissão semântica da música - e diante da etnografia, na forma de palavras e partituras, da música do Yawari, o capítulo 4 - "Uns Sentimentos. Selvagens" - fecha o percurso da leitura. Nele, o autor não somente alarga conceitos musicológicos como escalas, motivos e centro tonal a partir do material sonoro Kamaiurá, como explora as dimensões políticas do próprio modelo de análise que o livro oferece. Tal politicidade se explica pelo fato da música ter se tornado, no Ocidente, uma das mais poderosas - e sutis - formas de construção da identidade e da alteridade, na forma desta tópica chamada Música Ocidental, em torno do qual foram localizadas outras musicalidades, sob os termos de "músicas primitivas", "músicas exóticas" e "músicas folclóricas". Já no capítulo 1, o autor nos lembra que a construção dessa tópica envolveu a valoração (e a conseqüente hierarquização) de elementos sonoros específicos - a sacralização de determinados intervalos musicais, o estabelecimento de uma política em torno de timbres e formas, e também, o poder de uma série de domínios, tais como a religião (vide o papel da Igreja na história da Música Ocidental) e a filosofia (o lugar do discurso da Estética na criação de uma aura em torno da Música Ocidental, como a música mais atrelada ao desenvolvimento da razão). Nesse sentido, o próprio desenvolvimento das diferentes musicologias deve ser compreendido neste quadro: o surgimento das Musicologias Histórica e Comparada, no final do século XIX, estava ligado a esse jogo de identidade e alteridade através da música, com a primeira estudando o Outro no tempo e a segunda o Outro no espaço, ambas submetidas ao discurso típico daquele século, onde tudo era visto sob a ótica da teleologia ocidental. O capítulo 4, nesse sentido, é um convite a uma reflexão sobre esse papel político das musicologias, essas máquinas cognitivas de estabelecimento da diferença. Por outro lado, essa reflexão se torna mais necessária num tempo onde estas diferenças tendem a serem formalizadas numa nova forma da Música Ocidental, não mais centralizada nas formas européias dos séculos XVIII e XIX, mas sim nesta forma "decaída" (diriam alguns filósofos alemães) chamada Música Popular, onde corpos fazem seu carnaval. Exatamente por isto fiquei com a pergunta, ao final de minha leitura: "sobre quem é, este livro?"

Na introdução, de uma poesia ímpar, Rafael Bastos escreve "a generosidade da antropologia me devolveu à música" (:27). Curioso ler isto e pensar que a música Kamaiurá, em *A Festa da Jaguatirica*, é o mote para este exercício que só, penso eu, a Antropologia é capaz: essa vertigem de pensar a si a partir do Outro. Para um leitor de *A Festa da Jaguatirica* talvez seja possível dizer "a generosidade da música nos devolve à Antropologia".

---

*Allan de Paula Oliveira é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).*